

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 2 Maio - Agosto 2022

GEOGLIFOS DO ACRE - PASSADO PROFUNDO¹

Cliverson Pessoa²

Alceu Ranzi é geógrafo e paleontólogo, lecionou por mais de trinta anos na Universidade Federal do Acre - UFAC. Há mais de duas décadas trabalha incansavelmente na divulgação e defesa dos sítios arqueológicos conhecidos como geoglifos. Ele acaba de publicar “Geoglifos do Acre: passado profundo”, que narra a saga do pesquisador que propõe chamar a atenção do poder público e expressar na imprensa sua preocupação com relação a esse patrimônio. Esta peregrinação culminou em importantes projetos e parcerias que adotaram ferramentas multidisciplinares para entender a ampla distribuição dessas estruturas de terra na Amazônia Ocidental.

O livro pode ser dividido em duas partes. A primeira compreende a *Descoberta, divulgação e conservação: a situação dos geoglifos acreanos*. Nela o autor primeiramente convida o leitor a uma visão aérea, foi esta sensação que ele experimentou ao tomar um voo comercial chegando a cidade de Rio Branco em dezembro de 1999, olhando de uma janela de um Boeing 737 enxergou gigantescas estruturas circulares esculpidas no solo, cujas coordenadas remetiam ao antigo Seringal Bagaço na margem direita do rio Acre. Ele retornaria no ano seguinte com apoio do governo estadual em uma aeronave de pequeno porte acompanhado de dois fotógrafos profissionais, Edison Caetano e Edson Guilherme. O piloto e esta equipe sobrevoaram o referido seringal e fotografaram as estruturas que tinham formas de círculo, quadrado e “U” duplo, e ainda sobrevoaram ao longo da BR-317, observando e registrando figuras com formas de octógono e quadrado. Tais estruturas foram corretamente chamadas por Alceu Ranzi de geoglifos, por ver semelhanças com as mesmas figuras que ocorrem nos Andes, embora as do território brasileiro tenham diferenças na forma e composição por serem em valas e muretas de terra que formam desenhos geométricos.

Estas fotos ganharam as páginas dos jornais e dos canais de TV do Acre e paulatinamente ao longo dos anos os geoglifos repercutiriam na imprensa nacional e internacional. É interessante notar como esses sítios foram registrados ainda na década de 1970 pelo arqueólogo Ondemar Dias Jr., mas sem ter relevância nas interpretações da arqueóloga Betty Meggers, que coordenava estas pesquisas na Amazônia. A mesma escrevera em uma correspondência em 2003 ao autor sobre os geoglifos do Acre, demonstrando uma visão de que os povos que construíram tais estruturas seriam comunidades pequenas em vez de populações sedentárias.

Porém, o autor mostra que os trabalhos levados a cabo em colaboração com as/os arqueólogas/os Denise Pahl Schaan (in memoriam), Martti Pärssinen, Sanna Saunaluoma e outros, evidenciaram que os geoglifos do Acre suportam populações densas e complexas socialmente. As interpretações recaem sobre os valores simbólicos destas paisagens que são encaradas como “monumentos cerimoniais”.

¹ Ranzi, Alceu. *Geoglifos do Acre - passado profundo*. Florianópolis: Officio, 2021. 155p.

² Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

E-mail: cliversonps@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0821-409X>.

A sistematização das estruturas de terra utilizando sensoriamento remoto levaram os pesquisadores também a uma ampliação da distribuição desses sítios com suas estradas e caminhos que conectam diferentes lugares. Em 2015, já somavam mais de 400 estruturas, que foram incluídas na Lista Indicativa a Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. Entre todas elas, apenas o sítio Jacó Sá, por sua conservação e visibilidade, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN no ano de 2018. Ademais, o aproveitamento destas figuras para fins turísticos tem sido incentivado.

Apesar disso, a integridade dos geoglifos está ameaçada pelo desmatamento desenfreado e o avanço da agropecuária. O autor lembra o recente caso do Geoglifo Fazenda Crixá II onde diversas estruturas de terra foram completamente soterradas e descaracterizadas pelo uso de máquinas pesadas pelo proprietário, um conhecido pecuarista do agronegócio acreano.

A segunda parte do livro é formada pelos anexos, trata-se de um compêndio muito interessante que logo no início fornece uma sincera homenagem a arqueóloga brasileira Denise Schaan e ao arqueólogo finlandês Martti Pärssinen, ambos importantes parceiros de Alceu Ranzi na divulgação científica dos geoglifos do Acre.

O leitor verá que a maior parte dos anexos é dedicada à transcrição de dois documentos históricos organizados sob o título *Viajantes Pioneiros no Acre*. Eles se referem às impressões de dois exploradores que contataram grupos indígenas que coabitavam o território dos geoglifos. Esses viajantes são o brasileiro Antonio Rodrigues Pereira Labre e o boliviano Victor Mercier, que empreenderam uma expedição em 1887 do rio Madre de Dios ao rio Acre durante o auge caucheiro. A viagem buscava um caminho alternativo de saída fluvial em direção ao Atlântico para os negócios da borracha no sudoeste amazônico, uma vez que o caminho natural do rio Madeira era impedido por vinte corredeiras.

Labre, um ambicioso seringalista que fundou a vila de Lábrea, que depois elevou-se a cidade amazonense, detalhou em diversas publicações o feito desta caminhada que atravessou rios, nascentes e igarapés. Ele documentou que passou por diversas povoações indígenas (Arauna, Pacaguara, Guarayo, Canarana, Canamarí e Ipurinã), cujas aldeias tinham plantações, campos limpos com pátios circulares, “templos sagrados” repletos de cerâmicas, ídolos de pedra e madeira, e objetos de palha. Ele relata ter caminhado por estradas que conectavam esses diferentes lugares, uma provável referência as antigas estradas dos geoglifos acreanos.

Mercier era também um seringalista que tinha uma barraca chamada Maravillas no rio Madre de Dios, e foi quem de fato guiou esta viagem por falar a língua dos Arauna, povos falantes da família linguística Takana, assim como por conhecer os caminhos. Paradoxalmente, este viajante fornece menos informações sobre os caminhos, ele ficou impressionado com as casas formadas simetricamente ou habitações de construções raras com paredes de tecidos de palha que realmente eram diferentes dos outros grupos indígenas que eles haviam visitado. Mercier também fez o trajeto de volta do rio Acre ao rio Madre de Dios em apenas oito dias, demonstrando uma rota aberta pelos caminhos nativos no meio da floresta.

As fontes contribuem a favor de um debate historiográfico sobre a situação dos povos indígenas que ocupavam o leste do Acre durante o ciclo da borracha. A Arqueologia pode beneficiar-se destes registros para pensar como os nativos produziam as paisagens e como poderiam estar sendo afetados por elas até os desdobramentos da Questão do Acre. Agora sabemos que esse é um processo que está intrinsecamente ligado aos geoglifos.

A última parte dos anexos compreende quatro artigos publicados em jornais locais do Acre por Alceu Ranzi, dois dos quais são em coautoria com Evandro Ferreira, além de um artigo publicado por José Pradel em La Paz, Bolívia. Esses textos tratam de analisar a expedição de 1887, a procura por árvores de seringueiras e de uma rota alternativa para escoar a borracha boliviana que ocasionaram o contato com diversos povos e o reconhecimento de seus caminhos. Alguns desses atalhos podem ter sido utilizados posteriormente pelo revolucionário

Plácido de Castro, assim como os varadouros foram observados e anotados por Euclides da Cunha. Hoje, como nos mostra o autor, o uso de tecnologias de LIDAR (*Light Detection and Ranging*) tem revelado diversos desses caminhos e estradas na floresta conectando as aldeias a diferentes lugares.

O estudo dos geoglifos ou das estruturas de terra continua em curso, tais figuras podem ser vistas também no Amazonas, Rondônia, Mato Grosso e no norte da Bolívia. A descoberta de Alceu Ranzi e colegas sem dúvida mudou o modo de olhar para a Arqueologia da Amazônia. Este é um livro para estudantes da área e curiosos que estejam interessados em paisagens meticulosamente construídas pelos povos indígenas. Estas paisagens estão visíveis na admirável parte gráfica com fotos aéreas em preto e branco desses sítios. Uma importante lição deste pesquisador é que a profunda alteração desses lugares já era notada pelos seringalistas no século XIX, mas ela ainda pode ser apreciada do alto a bordo de um avião.

Palavras-chave: geoglifos; rio Acre; borracha.

Keywords: geoglyphs; Acre river, rubber.

Palabras clave: geoglifos; río Acre; goma.